

Mapplethorpe e o negro: um corpo e suas possibilidades simbólicas

Dentre o intrigante discurso sobre comportamento e sexualidade que constitui a obra do fotógrafo Robert Mapplethorpe (1946-1989), focalizo aqui, um fragmento em meio a todos os outros: o corpo do homem negro. Ao dissecar esse corpo em signos, pretendo, neste artigo, mostrar como a construção social de determinado ethos elabora também uma contrapartida silenciosa. Esta paira no consciente coletivo, porém sua visão só nos é possível quando este brilhante artista fotografa-a em sua forma concreta. Num diálogo entre tabu e desejo revelam-se algumas ligações nas quais baseiam-se as ordens morais de certa comunidade sobre um indivíduo.

Introdução a Mapplethorpe

Antes de debruçarmo-nos sobre seu discurso visual é fundamental entender o fotógrafo em questão e seu tempo. Logo, para compreender Mapplethorpe é necessário também entender a sociedade na qual ele viveu.

“Eu vim da América suburbana. Era um ambiente muito seguro, e era um bom lugar de onde vir , logo um bom lugar de onde partir”

Assim ele descreve o ambiente conservador e burguês onde foi criado, que teria exercido certa influência na sua posterior preferência por temas marginais. Tendo em vista o modelo Americano (EUA) de organização sócio-geográfica, sabe-se dos subúrbios que são ricos e seguros, ao contrário dos centros (perigosos e pobres). Ao organizar-se assim percebe-se a criação de duas classes dentro da mesma sociedade: uma conservadora e burguesa que se concentra longe do tumulto e sujeira do aglomerado de fábricas e comércio que caracteriza a região central. Esse modelo suburbano de padrão de vida americana (*american dream*) constituía o pilar de uma sociedade rica que passava por um momento de grande conturbação. Marcado pela guerra que perdiam (Vietnã), pelo agravamento dos conflitos raciais e por todo um movimento de libertação sexual .

As mudanças de seu tempo e os contrastes , cada vez mais evidenciados, de sua sociedade tocavam em cheio a sensibilidade de Mapplethorpe e a estrutura na qual estava inserido e que passava sobre séria contestação. Ao deixar o seio de uma família

caucasiana, heterossexual, suburbana e de classe média em Long Island, ele abandona muito mais do que uma posição social favorável , mas também assume automaticamente uma postura de protesto , sendo essa uma adesão a marginalidade.

Mapplethorpe e sua trajetória de vida , assim como sua obra, parecem ser um ícone representativo, fruto das mudanças de uma época . Artista e homossexual, portador do vírus HIV, assim como Keith Haring², seu falecimento em 1989 soma-se à morte de outros muitos artistas de sua geração, acometidos pelo mesmo mal. Viveram a revolução sexual , opuseram-se aos tabus e valores morais vigentes na época , receberam o ônus e o bônus por tal atitude.

É justamente no fluxo dessa corrente que encontra-se o cerne da obra desse fotógrafo. No movimento de ferir o senso comum , este expunha os tabus comportamentais como desejos derivados dos preconceitos construídos pelo mesmo . Sua obra é, principalmente, a expressão da atividade sexual de sociedade rebelde.

Sobre a obra de Mapplethorpe

Artista marginal, ele opta pelo não-óbvio , sua produção artística pertence à classe do surpreendente e é fotografada em situações inusitadas, ostentando certa violência contextual ; levando em conta forma, luz, valor artístico e tema com objetivo de abalar o espectador em seu ambiente social. Contudo, seu diferencial é a presença do etéreo em torno da matéria fotografada, ocultando suas imperfeições , dando ao “feito” ou “simplório” aspecto de perfeição , causando a inversão entre ego /alteridade , central/marginal , dominador/submisso , carnal/sublime, humilhante/ glorificante. Nesse ponto é fundamental atentar para o cuidado técnico com que Mapplethorpe cuida de suas obras. Essa perícia é fundamental na obtenção da reação que se deseja. Antes de tudo observa-se o domínio da clássica técnica de fotografar em preto e branco, tal cuidado garante a limpeza na expressão da imagem e também se mostra responsável por explicitar o problema abordado ; no caso do corpo masculino negro como objeto de desejo a ausência de cor alcança o auge dessa proposta ao passo que explicita a questão racial tornando visível a tonalidade escura dos corpos. Ao mesmo , outra habilidade mostra-se útil na construção da proposta visual , ao passo que a luz empregada nesses corpos escuros torna-os reluzentes conferindo-lhes a

característica de etéreos , inalcançáveis, distantes do real.

“Neoclássica na forma, super pós-moderna no conceito, a imagem fotográfica aponta um Mapplethorpe que vence enquanto evento.” Eis a citação de Denise Camargo³ que expressa a função desse projeto artístico enquanto uma celebração visual do “repugnante”. Ao passo que este questiona a integridade do “repugnante” e a repugnância do espectador (supostamente integro) de modo que deflagra a existência de um forte fluxo de crenças morais e recalques coibitivos que se impõem tão somente à visualização da obra.

Segundo Foucault em a História da sexualidade 2 no capítulo referente a moral : “(...) o importante está menos no conteúdo da lei e nas condições de aplicação do que na atitude que faz com que elas sejam respeitadas.”(p.30) Ainda nesse livro ele afirma que o homem que age na coibição dessas práticas entre seus semelhantes torna-se um homem moral : “É verdade que toda ação moral (...), na qual o indivíduo circunscreve a parte dele mesmo que constitui objeto dessa prática moral , define sua posição em relação ao preceito que respeita, (...) que valerá como realização moral dele mesmo.” (p.28)

Logo, ao passo que o sujeito posiciona-se em relação a um preceito social , ele circunscreve-se , pelo menos enquanto alterego, num nincho moral, ação que o eleva e legitima-o moralmente. No entanto , é fato concebido que ao inserir-se , obrigatoriamente o ser passa também a excluir. Freud em *Totem e Tabu* garante que tal coibição é também uma demonstração do uso da energia sexual, por um lado garantindo o gozo da manutenção do status social, por outro produzindo o recalque no outro e em si mesmo. Dessa forma o gozo e o recalque aumentam em proporções similares e é justamente essa dicotomia que as fotos deflagram.

Metodologia para entende Mapplethorpe

Tendo em vista refletir a cerca de perspectivas sociais, psicológicas e artísticas sobre etnia e desejo nas obras, seleciono aqui os dois primeiros autores abordados: Freud e Foucault. O primeiro, embora clássico, nos é relevante na compreensão de um tema tão contemporâneo como a produção de Mapplethorpe, dado sua visão cientificamente biológica das problemáticas da psiquê esse se aproxima do corpo como emissor e receptor de significados. Essa postura toca a dialética visual do artista , de forma que este opta por

demonstrar nos corpos conceitos formulados pelo imaginário social.

Neste ponto deparamo-nos com outro autor que vem a contemplar essa segunda (e tão intimamente ligada a primeira) instância: a sociedade. Sendo Foucault o primeiro a pensar no corpo como objeto de contemplação filosófica e campo aberto às intervenções sociais, sua presença vem a auxiliar na compreensão de nossas reações ao depararmos com a foto e por que estas causam tal estímulo. Tendo em vista uma obra específica, seu livro *História da sexualidade 2- o cuidado de si*, Foucault vem a traçar uma história do sexo na construção da sociedade grega, comparando com a judaico-cristã (em qual vivemos) e a consolidação do corpo como área de ação de algumas importantes instituições sociais que formam o indivíduo moral. E não há objetivo mais intenso na produção estudada que não agredir o sujeito moral.

Ainda no campo das instituições humanas, é interessante citar Bourdieu que dedicou a grande parte de seus estudos a compreender as interações entre cultura dominante e cultura dominada no que ele denominou Mercado de Bens Simbólicos. Onde os atos e costumes caracterizam um ser em seu lugar na sociedade, a qual insere-se ou marginaliza-se. Assim, o sociólogo fala dos mecanismos de distinção social que legitimam as diversas formas de dominação de uma cultura sobre outra.

Atendo-nos a preocupação primeira da fotografia: o olhar, trago a discussão final (e também diluídas no corpo do texto) algumas idéias relevantes contidas no ensaio sobre Pierre Verge e suas fotografias (muitas delas sobre homens negros) escrito pelo antropólogo S. R. Malysse. Tais reflexões contribuem no sentido em que os dois ensaios mostram-se como olhares sobre lentes que captavam corpos pertencentes a cultura dominada. Porém com um diferencial que vai além dos fotógrafos em questão, mas também pelo fato de que a primeira análise é feita por um pertencente da cultura dominante e esse por uma integrante a cultura dominada em questão.

Uma vez citado um autor com uma perspectiva estrangeira sobre um olhar de mesma origem, parece-me ponderado utilizar também um outro que trata da mesma imagem, no entanto com uma visão interior ao problema. A escolha foi a monografia sobre a construção do imaginário a cerca sexualidade do homem negro, escrita pela Universidade

Federal Fluminense por Joelson Souza .

Por último , utilizo também livro de Valerie Steele , *Fetichismo- Moda, sexo & prazer*, por perceber a intenção de objetificação do corpo do homem nas fotografias que leva a construção do conceito de fetiche , muito bem explorado em tal livro; ainda na construção de tal conceito recorro a teorias fundamentais para sua realização tal como a do preconceito, brilhantemente explicitada em seu mecanismo por Renato Queiroz; e a de signo , pela dialética de Fiorin. A última completa-se enquanto forma de análise visual se aplicada em conformidade as teorias de Badrillard sobre signo e simulacro na sociedade contemporânea.

Sendo assim , pretende-se nesse trabalho propor uma visão dessa polêmica obra através de diretrizes lançadas por autores que entenderam o corpo como campo aberto a disposição de discursos sociais.

“A fantasia é a sustentação do desejo, não é o objeto que é a sustentação do desejo”
Lacan (1991)

Essa fantasia, da qual Lacan nos fala acima, é o real conteúdo das fotografias e não as imagens que elas exibem . Estas, no entanto , são signos perfeitos e esteticamente afastados de qualquer mácula , graças a limpeza técnica , de adornos , a ocultação das imperfeições e o tratamento da luz, fatores já explorados neste artigo. O efeito não é proposto ao acaso, ocorre pela necessidade de uma obra que, principalmente , trata de estereótipos. Com a valorização dos contornos , volumes e texturas dos músculos faz com que pareçam tão perfeitos que inconcebíveis no plano real ; e a técnica em preto e branco para realçar o tom escuro dos corpos dos modelos, evidenciando o tema principal , a cor. Como se sabe, tal tipo trata da materialização de conceitos pré-estabelecidos superiores ao indivíduo que se mostra, pois referente uma série de comportamentos e atitudes a ele livremente atribuídos. Nesse movimento Mapplethorpe super expõe o conceito de estereótipo propondo para essa construção um lugar cristalizado no tempo . Ao trabalhar com tais elementos , o artista garante a limpeza na emissão de sua mensagem , apoiado no modelo shannoniano² de comunicação.

Extremamente contestado por estudos recentes , o sistema acima funciona apenas sob a utilização de símbolos extremamente fortes, que dificilmente admitam deformação, e

de receptores que compreendam de maneira uniforme àqueles símbolos, situação extremamente rara de se encontrar. A exceção à regra é vista somente em caso de símbolos cujos subtextos significantes encontram-se edificados na mente de todos, normalmente por meio de um “discurso largamente reproduzido e emocionalmente condicionado”, assim Renato Queiroz (1996) define preconceito em seu livro. Tal atitude evidência a crueldade e insensatez de tal instituição, de modo que as imagens adquirem certo humor sarcástico e irônico por refirirem-se a um real presente no imaginário geral, mas até então não concreto. Como observa-se na figura escolhida a contemplação (1).

José Luiz Fiorin conceitua em Linguagem e Ideologia : “O significado é a parte inteligível do signo, enquanto a expressão é a parte dizível ou sensível . (...) O signo é a união de um significante a um significado.”

Assim, a proposta do artista aproxima-se de Baudrillard por expor o choque contemporâneo entre original e simulacro, ao passo que o segundo é tão reproduzido e massivamente disseminado a ponto de confundir-se com o primeiro.

Desse modo, o significante em relação ao homem negro é que se pode dizer do mesmo que a maioria é pobre, ocupam profissões de maior esforço físico e menos trabalho mental e ocupam forte expressividade no que diz respeito a taxa de violência e criminalidade. O significado que recai sobre o corpo da maioria dos homens negros refere-se a frequente proibição de sua entrada em certas lojas e restaurante , além do medo imposto por sua presença em certas situações. A união dessas duas formas se faz presente na fotografia (1) como imagem criada de modo a propor o signo , que nada mais é que o preconceito instituído.

Construindo um estereótipo, fomentando um desejo

Embora em aparente contradição entre marginal e fetiche, tais sentimento encontra interatividade freqüente na literatura psicológica e mesmo social. Visto que desde Freud a energia sexual é vista também como energia brutal e que , já na Grécia, o campo que menos exercia impacto sobre a organização geral (o sexo) configurava-se como maior arena de interação de regras morais e religiosas , sob o véu de fórum íntimo tal espaço mantém-se livre para a verificação de dogmas e normas de conduta. Justamente por que

corpo e sexualidade sempre foram vistos como os mais baixos caracteres que constituem o homem, em seu livro *A História da Sexualidade*, Foucault menciona:

“Na doutrina cristã da carne também se encontrarão facilmente temas bem próximos da inquietação: a violência involuntária do ato , seu parentesco com o mal e seu lugar no jogo entre a vida e a morte.” (pág. 124-125)

Esse ainda designa o sexo como “sendo a explicação para tudo, nossa chave mestra”. Ao referir-se a ele Valerie Steele (1997) adota e conceitua “sua visão do corpo como o lugar para a disposição dos discursos (...)”.

No mesmo livro ela emprega o fetiche numa escala da gradação que vai do não-fetiche ao fetichismo , esse é descrito como :

“Estímulos específicos *tomam o lugar do parceiro sexual*”

Logo, o fetiche está fortemente ligado a desumanização do estímulo em questão, assumindo essa função de objeto. Em sua monografia sobre a sexualidade do homem negro, pela Universidade Federal Fluminense Joelson Souza ressalva:

“Com o avanço do consumo e o esgotamento das idéias capitalistas, o fetiche do objeto encontra expressão total. Formulando-se ora em desejo de consumo, ora em desejo sexual, por vezes social e existencial. “

Tendo em vista que o primeiro entende o “fetiche” como “fio condutor” para analisar todos os desvios , a segunda analisa esse lugar como campo do não humano tangendo a análise de Souza sobre sociedade de consumo e fetichização do objeto... Sempre que se fala em fetiche do corpo negro , necessariamente trata-se de um homem-objeto. E não um objeto banal , mas um objeto carregado de significantes.

Essa condição faz com que este corpo abra-se num banquete de associações psico-sociais, tornando-se uma das mais felizes escolhas ao objetivo de Mapplethorpe em chocar a sociedade. Visto que a trajetória dessa população concretiza todo o ideal de violência simbólica, largamente dissertado por Bourdieu , embutindo em seu corpo situações as quais os foram impostas pela cultura dominante.

Dessa forma não é espanto algum associar-se a imagem do negro à submissão servil, visto que em relação aos homens da cultura dominante esse, de fato, sempre foi o lugar social designado a ele. Tal subserviência originou o outro lado da marginalidade. Afinal, há duas formas de lidar com a exclusão: o pacifismo e a violência.

Na prática, o ideário eurocêntrico criou duas maneiras generalizativas de olhar o homem negro, nos dois esse afasta-se de atividades intelectuais e liga-se a atividades braçais que remetem ao homem em estado primitivo. A primeira trata-se do trabalhador honesto e esforçado, fiel ao patrão; a versão masculina da empregada doméstica que serve anos a mesma família ganhando pouco e é tida como “praticamente da família”; ambas as funções ocupam os lugares mais baixos na pirâmide econômica sem se rebelar sobre sua condição. No segundo caso pensa-se no homem jovem, morador de comunidade violenta, pobre e com família desestruturada; esse normalmente tem caráter violento e marginal. O que torna pessoas com esse tipo físico (negros e jovens) mal-vindos em alguns lugares e potencialmente perigosos dependendo da situação.

Logo, o mesmo corpo pode constituir um discurso altamente submisso e ao mesmo tempo ameaçador. Essa segunda face está ligada aos inúmeros casos de violência encontrados nessa população altamente marginalizada. Basta lembrar que em 1999 a Anistia Internacional registrou que 55 % dos homens no “corredor da morte” americano eram negros. Neste ponto pode-se fazer uma associação clara entre a relação Eros/Tanatos, estudada por Freud, aplicada a criação de um objeto sexual.

O conjunto de todas as características aqui citadas agregadas num só corpo, juntamente com as relações sociais existentes por trás delas, constituem o objeto de fetiche perfeito a quem pretendia chocar a sociedade americana dos anos 70, dando a ela o que esta mais temia: a concretização de seus erros, ódios e falhas em forma de desejo. O que por ser marginalizado põe-se acima do humano...No intangível.

Conclusão

“No corpo se inscreve todas as regras, todas as normas e valores de uma sociedade específica.” (Souza, 2005)

“(...) o corpo é habitado pela linguagem do desejo . É uma linguagem carregada de símbolos de imagens e de afetos.” (Lacan)

“(...) toda versão do outro revela uma outra versão de si mesmo.” (Malysse, 2000)

A trajetória de uma população pelo mundo inscreve-se em seu corpo, pois esse reflete a visão desse sobre si, visão essa que é construída a partir do contato com o outro e sua atitude perante esse olhar. Sendo o corpo objeto primeiro do desejo; e esse “sendo a explicação para tudo, nossa chave mestra” (Foucault 1980), o desdobrar desse imaginário deflagra o comportamento de certa cultura e a atuação das instituições sociais no indivíduo. Assim , o olhar sobre o corpo do outro expõe o lugar do observador em relação a sua própria sociedade e seu posicionamento perante ela.

Por fim, esse artigo encerra-se concluindo que a obra de Mapplethorpe, no que diz respeito ao corpo negro vai muito além de uma obra-prima da fotografia preto e branco. Mas constitui um discurso antropológico de extrema eloquência sobre a situação do negro, na sociedade em que o artista viveu, usando como argumento de expressão a mais forte das armas: o desejo.

A forma com que recebemos e reagimos a imagens artísticas e mesmo publicitárias dessa população nos revela enquanto seres comportamentais. Revela um panorama nosso enquanto atores sociais, uma forma de denuncia do nosso pensar, nosso sentir. Um outra versão de nós mesmos.

Bibliografia

Camargo, Denise. Ensaio realizado para a disciplina *Deus Ex-machina - Rumo à Civilização Místico-Tecnológica.ECA- USP, 1997*

Foucault, M. História da sexualidade 2; o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Edições Graal,2003

_____Punir e Vigiar.Petrópolis, Ed. Vozes , 1980

FIORIN, J. Luís. *Linguagem e Ideologia*. São Paulo: Ática, 2^a. ed. 1999.

Freud, Sigmund. Totem e Tabu. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1996

Lacan, J. *Seminário XVII: O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991

Malysse, S. “Um olho na mão: imagens e representações de Salvador nas fotografias de Pierre Verger”, na Revista Afro-Asia nº24, p325-366, Salvador, 2000

Nogueira, Luiz Carlos. The Lacanian Field: desire and delight. *Psicol. USP*, 1999, vol.10, no.2,

QUEIROZ, R. S. . Não Vi e Não Gostei: O Fenômeno do Preconceito. São Paulo: Ed. Moderna, 1996

Souza, Joelson . A sexualidade do homem negro na ótica da mulher branca. Serv. Social. MEC /UFF- Universidade Federal Fluminense, 2005.

Steele, Valerie. Fetiche -Moda, Sexo & Poder. Rio de Janeiro :Ed. Rocco, 1997